

Encontro de Arqueologia da Paisagem e Geoarqueologia



9 e 10 de Outubro de 2009
Museu Nacional de Arqueologia

LIVRO DE RESUMOS



Comissão de Honra

Primeiro-ministro:

Eng. José Sócrates

Ministro da Cultura:

Dr. José António Pinto Ribeiro

Governadora Civil de Lisboa:

Dr.ª Dalila Araújo

Director do Museu Nacional de Arqueologia:

Dr. Luís Raposo

Vice-director do IGESPAR:

Doutor João Pedro da Cunha Ribeiro

Secretariado

Presidente:

Dr. Silvério Figueiredo (Prof. Assistente do Instituto Politécnico de Tomar, Presidente do C.P.G.P.)

Coordenadores:

Dr. Mário Santos (colaborador do C.P.G.P.)

Dr.ª Cristiana Ferreira (colaborador do C.P.G.P.)

Dr. Fernando Martins (colaborador do C.P.G.P.)

Colaboradores:

Liliana Faustino (estudante do I.P.T.)

Fábio Lopes (estudante do I.P.T.)

Gonçalo Quitério (colaborador do C.P.G.P.)

Hugo Machado (colaborador do C.P.G.P.)

Luciano Machado (estudante do I.P.T.)

Sara Gouveia (estudante do I.P.T.)

Duarte Santos (estudante do I.P.T.)

Tiago Pereira (colaborador do C.P.G.P.)

Vânia Arcangelo (estudante do I.P.T.)

Isaura Santos (colaborador do C.P.G.P.)

Apresentação

Desde a pré-história que a ocupação humana está relacionada com a geomorfologia, com a geologia, com a fertilidade dos solos e com os recursos biológicos disponíveis nos diferentes territórios onde se estabeleceram as comunidades. Desta forma, ao compreender-se a interacção entre o Homem e a natureza, está a conhecer-se melhor a nossa própria história.

Nos últimos anos, novas disciplinas têm-se dedicado a estes estudos, ganhando assim importância no seio da investigação arqueológica. Estas disciplinas, tais como a geoarqueologia e a arqueologia da paisagem enquadram os sítios arqueológicos no meio em que estes se inserem.

Por estas razões, justifica-se a organização de um encontro dedicado a estas temáticas, com o propósito de divulgar os estudos realizados sobre as diferentes ocupações humanas ao longo dos tempos e o seu enquadramento do meio envolvente.

PARTICIPANTES

Participantes	Instituição
Luis Raposo	MNA
Mário Santos	CPGP
Fernando Martins	CPGP
Cristiana Ferreira	CPGP
Silvério Figueiredo	CPGP
Gonçalo Quitério	CPGP
Hugo Machado	CPGP
Tiago Pereira	CPGP
Luciano Machado	CPGP
Vânia Sousa	CPGP
Duarte Santos	CPGP
Fernando Coimbra	U.Coimbra
Tiago Tomé	IPT
Sara Gouveia	CPGP
Fábio Lopes	CPGP
Cláudia Cunha	IPT
Liliana Faustino	CPGP
Filipe carreira	CPGP
David Vieira	CPGP
Luis Bucha	CPGP/ESC
Joana Brito	CPGP
Gonçalo Velho	IPT
Liliana Oliveira	IPT
Gerardo Vidal	U. Évora
Isaura Santos	CPGP
Carlos Didelet	unl
Maria Watkins	
Ana Catarina	cpgp
José Murillo	
José Marques	
Alexandra Figueiredo	IPT
Tereza Azevedo	FC – UL (Dep. Geologia)
Elisabete Nunes	FC – UL (Dep. Geologia)
Maria Filomena Gaspar	
Ana Faleiro	
Sara Cura	Museu de Mação
Pierluigi Rosina	Ipt /cpgp
Stefano Grimaldi	Un. Ferrara
João Luís Cardoso	Un. Aberta
Francisco Sande Lemos	Un. Minho
Sérgio Nunes	IPT
Miguel Marques	
Fernando Coimbra	IPT
Adolfo Silveira	MNA
António Teixeira	

José Carvalho	IPT
Daniela Cardoso	
Mariana Villar	
Sandra Gomes	INETI
Cláudia Loureiro	IPT
Maia Langley	AIA
Júlio Freitas Pinto	CPGP
Edmundo Rijo	CPGP
Frederico Mota	
Andreia Margarida	

PROGRAMA

Dia 9 de Outubro

10h00 - Entrega de documentação.

10h15 - Abertura do encontro.

10h30 – Telmo Pereira

A Exploração do Quartzito no Paleolítico Superior de Portugal

11h00- Silvério Figueiredo e Mário Antas

Dados Sobre a Ocupação Paleolítica do Cabo Espichel

11h20 – Debate

11h30 – Pausa para café

11h45- Sara Cura, Pierluigi Rosina Luiz Oosterbeek e Stefano Grimaldi

A Ocupação Humana do Alto Ribatejo no Plistocénico Médio e Superior: dados actuais e perspectivas de pesquisa

12h15 - Alexandra Figueiredo

O Complexo Megalítico do Rego da Murta

12h45 - Debate

13h00 - Almoço (livre)

14h30 –Luiz Oosterbeek

Estratégias de Ocupação do Território e Exploração dos Recursos na Pré-História Recente

15h00 - Cristiana Ferreira, Silvério Figueiredo e José Carvalho

Estudo Preliminar Paleopolinológico e o Seu Contexto Estratigráfico do Alto da Fonte Nova e Areias de Mastro (Cabo Espichel, Sesimbra)

15h20 – Gerardo Gonçalves

Dendrocronologia & Dendroarqueologia: Resenha, metodologia e aplicações

15h40 – Sandra Gomes

Importância da Palinologia da Lagoa do Saloio na reconstrução paleoecológica na Mata do Valado de Frades

16h00 - Debate

16h10- Pausa para café

16h25 – Adolfo Martins e António Teixeira

A Diversidade Geográfica e a Tecnologia Naval

16.55 – Teresa Azevedo e Elisabete Nunes

Onde Vamos Construir o Castelo? (Condicionamentos geológicos e geomorfológicos)

17h25- Ana Catarina Ferreira

Considerações Acerca da Paleogeografia do Cabo Espichel

17h50 – Debate

18h00 – Pausa

18h15 - Mesa redonda: *Arqueologia e Valorização do Território.*

Participantes: Luís Raposo (arqueólogo), João Luís Cardoso (arqueólogo), Luiz Oosterbeek (arqueólogo) Francisco Sande Lemos (arqueólogo) e Sérgio Nunes (economista)

Moderador: Mário Antas (Técnico Superior do MNA)

Dia 10 de Outubro

10h15-Mário Antas

A Cristianização de Monumentos Megalíticos: O caso específico das antas-capelas

10h40- Silvério Figueiredo

*Um Novo Registo de *Pinguinus impennis* do Plistocénico de Portugal - Gruta da Furninha – Peniche*

11h00 - Debate

11h10- Pausa para café

11.20 - Tiago Tomé, Luiz Oosterbeek, José Márquez e José Murillo
Cerro de Las Baterias - Uma inumação colectiva calcolítica da Baixa Extremadura (Espanha)
11h50 - Miguel Marques
Análise de Uma “Ordem” Espacial dos Contextos Funerários na Pré-História Recente – Sever do Vouga
12h20- José Carvalho
O Sítio Arqueológico do Alto da Fonte Nova: Contribuição para o estudo de uma economia costeira do Cabo Espichel
12h50 – Debate

13h00 – Almoço (livre)

14h30- Fernando Coimbra
Arte Rupestre Filiforme Pós-Paleolítica de Portugal em Contexto Europeu: Semelhanças e diferenças
15h00 - Cláudia Cunha
Arte Ruprestre e Meio Físico- Um estudo de caso na Bahia, Brasil
15h30 – Daniela Cardoso
Arte Castreja e Território
16h00 – Debate
16h10 – Pausa para café
16h20 – Maria Gaspar
Evolução da Ocupação da Cidade de Abrantes, à Luz dos Dados Arqueológicos Disponíveis
16h50- Maya Langley
The Spatial Visibility of Roman Uillae in Lusitania: na analisis and qualification of published sites in Spain and Portugal
17h10 - Gonçalo Velho
Arqueologia Sem Natureza
17h30- Carlos Didelet & Maria Watkins
Visão a 180º - Um Instrumento Arqueológico (O uso da fotografia panorâmica como instrumento de campo)
18h00 – Debate
18h10 – Encerramento do encontro.

A EXPLORAÇÃO DO QUARTZITO NO PALEOLÍTICO SUPERIOR DE PORTUGAL

Telmo Pereira

Núcleo de Arqueologia e Paleoecologia, Universidade do Algarve

O fraco desenvolvimento até há poucos anos da investigação sobre o Paleolítico Superior em Portugal e a incidência dessa investigação na região de Rio Maior levou à ideia de que o sílex era a principal matéria-prima explorada, sendo as restantes apenas recursos secundários ou seus pontuais substitutos. A única excepção admitida era para o Gravetense Terminal onde a utilização intensiva do quartzo parecia não ter outra justificação senão uma opção cultural. No caso específico do quartzito, esta matéria-prima era considerada de baixa qualidade e inapropriada para a produção quer de suportes alongados, quer dos utensílios retocados diagnósticos.

Actualmente, e graças ao desenvolvimento da investigação em todo o território, os dados disponíveis parecem apontar para uma situação completamente diferente: o quartzito encontra-se, no presente, em praticamente todos os contextos de Paleolítico Superior aparentemente por ter um papel específico nas tarefas do dia-a-dia. Este facto parece ser comprovado pelo facto de quando alguma região não apresenta esta rocha em quantidade e/ou em qualidade foram encontradas outras soluções com rochas similares. Paralelamente, a sua ausência dos *tool-kits* parece dever-se a razões culturais e não a constrangimentos da matéria-prima.

Nesta apresentação mostramos os dados preliminares que, para já, apontam para esta mudança de paradigma na interpretação do Paleolítico Superior em Portugal.

Palavras-chave: Quartzito; Paleolítico Superior; Portugal.

Dados Sobre a Ocupação Paleolítica do Cabo Espichel

Silvério Figueiredo

Centro Português de Geo-História e Pré-História, Instituto Politécnico de Tomar

Mário Nuno Antas

Centro Português de Geo-História e Pré-História, Museu Nacional de Arqueologia

As primeiras recolhas de materiais pré-históricos no Cabo Espichel foram conduzidas por Carlos Ribeiro no final do século XIX, tendo recolhido materiais nas “praias elevadas” ou *Plistocénicas*, que se estendem desde a Praia dos Lagosteiros à Foz da Fonte (CUNHA SERRÃO, 1994). No início dos anos 40, foram realizadas prospecções conduzidas por H. Breuil e Zbyzewsky entre a Boca do Chapim e Areias de Mastro em jazidas de superfície, onde foram encontrados “*coup de points*”, núcleos, lascas, instrumentos diversos de quartzo e quartzito e calhaus truncados (ZBYSZEWSKI, 1965). Já nos anos 60 e 70, o Museu Municipal de Arqueologia de Sesimbra e o Grupo de Estudos do Paleolítico Português iniciaram novas campanhas de prospecções, descobrindo novas jazidas *Paleolíticas*, publicadas na Carta Arqueológica de Sesimbra (CUNHA SERRÃO, 1994).

Desde 1998 que o CPGP tem realizado trabalhos arqueológicos na zona do Cabo Espichel, quer no âmbito do “Projecto Investigação Arqueológica do Cabo Espichel”, englobado no Plano Nacional de Trabalhos Arqueológicos, promovido pelo IPA, quer no âmbito do novo projecto “Investigação de Geoarqueologia do Espichel”, aprovado pelo IGESPAR, em 2008.

Destes trabalhos resultou a descoberta de um considerável número de novas estações pré-históricas e realocalizaram-se outros sítios referidos na bibliografia, entre elas algumas de

cronologia paleolítica. O material recolhido é constituído na sua maioria por restos de talhe, em especial lascas. A matéria-prima predominante é o quartzo, mas também aparecem vários materiais de sílex e de quartzito.

Na zona a norte do Espichel, até à Foz da Fonte e nas encostas viradas a sul existem vários terraços marinhos plistocénicos, onde se encontram materiais paleolíticos, que afloram à superfícies em algumas zonas de erosão.

Pretende-se nesta apresentação, apresentar as jazidas paleolíticas do Cabo Espichel, em especial as descobertas e estudadas pelo CPGP.

Palavras-chave: Paleolítico, Cabo Espichel, quartzo, quartzito.

A Ocupação Humana do Alto Ribatejo no Pleistoceno Médio e Superior: dados actuais e perspectivas de pesquisa

Sara Cura

Museu de Mação

Pierluigi Rosina

Instituto Politécnico de Tomar

Luiz Oosterbeek

Instituto Politécnico de Tomar

Stefano Grimaldi

Universidade de Trento

Os dados arqueológicos correspondentes às ocupações humanas mais antigas na região do Alto Ribatejo serão sinteticamente apresentados e discutidos. Nesta região o contexto geológico é determinante na distribuição geográfica dos sítios arqueológicos, sendo que a maior parte dos vestígios de ocupação do Pleistoceno Médio e Superior se encontram nos depósitos dos terraços fluviais. As recentes pesquisas feitas com base em abordagens arqueológicas e geomorfológicas, incluindo datações absolutas, indicam-nos que as indústrias líticas identificadas nos terraços fluviais não serão mais antigas que os OIS 8 e 9.

Neste âmbito, destacam-se as pesquisas que têm sido desenvolvidas sobre os sítios da Fonte da Moita e Ribeira da Ponte da Pedra. A indústria lítica destes sítios caracteriza-se por produções técnicas simples, onde os seixos talhados (*Choppers* e *Chopping tools* incluídos) são muito frequentes, cujo objectivo principal é a produção de lascas corticais. Bifaces e Machados de Mão estão praticamente ausentes. Tanto os seixos talhados, como as lascas, foram utilizados de forma multifuncional, sugerindo um modelo de exploração dos recursos locais.

A abordagem conjunta entre a crono-estratigrafia (distinção das diferentes morfologias de depósitos fluviais e sua datação absoluta) e a tecnologia lítica (incluindo estudos experimentais, análises funcionais e caracterização das matérias primas) tem provado ser bastante eficaz para a compreensão do comportamento humano nestes locais. Mas também para o enquadramento destes dois sítios no quadro geral das ocupações do Pleistoceno Médio e Superior no vale do Tejo e no oeste peninsular, onde persistem tradicionais modelos de interpretação cultural que, baseados na presença e características de utensílios bifaciais, reportam as ocupações entre os OIS 9 e 7 a fases distintas do *Acheulense*.

O Complexo Megalítico do Rego da Murta

Alexandra Figueiredo

Instituto politécnico de tomar

Os diferentes monumentos que conjugam a área de Rego da Murta (Alvaiázere) fazem parte de um complexo, que ao longo do tempo, foi sendo estruturado, relacionando-se com mecanismos simbólicos que teriam sido herdados dos seus antepassados. Estes mecanismos traduzem os alicerces de uma organização do espaço que culminaria na construção de elementos arquitectónicos artificiais que, de todo, se encontram conectados com o ambiente que os rodeava. Desta forma, qualquer interpretação do território deve ser abrangente o suficiente para perceber os vários actos que nela são produzidos e inter-relacionados. Pretendemos com esta comunicação e apresentando como exemplo o caso de Rego da Murta analisar o conceito de espaço e das suas possíveis relações.

Transição para o Agro-Pastoralismo no Alto Ribatejo. Estratégias de ocupação do território e exploração dos recursos

Luiz Oosterbeek

Instituto Politécnico de Tomar

De forma breve são referidos alguns indicadores ambientais que poderão ser associados a distintas dinâmicas no processo de transição para o agro-pastoralismo, condicionando territórios mais ou menos vastos de mobilidade e intercâmbio, focando em particular o Alto Ribatejo.

Estudo Preliminar Paleopolinológico e o Seu Contexto Estratigráfico do Alto da Fonte Nova e Areias de Mastro (Cabo Espichel, Sesimbra)

Cristiana Ferreira

Centro Português de Geo-História e Pré-História

Silvério Figueiredo

Instituto Politécnico de Tomar, Centro Português de Geo-História e Pré-História

José Carvalho

Centro Português de Geo-História e Pré-História

O estudo aqui apresentado, pretende fazer uma reconstituição paleoambiental do Sítio Arqueológico do Alto da Fonte Nova e do Sítio de interesse geológico Areias de Mastro, através da Arqueopalinologia. O Alto da Fonte Nova trata-se de um sítio arqueológico com ocupação neolítica, com diversos materiais arqueológicos e estruturas negativas de combustão. O interesse do sítio Areias de Mastro advém do facto de este apresentar uma camada com vestígios da última grande Glaciação, Wurn.

Ambos os sítios foram trabalhados com a mesma metodologia de laboratório, tendo-se em conta a identificação e contagem de grãos de pólen e palinóforos não polínicos para se poder chegar a uma possível interpretação da Paisagem que rodeava estes dois sítios.

Dendrocronologia & Dendroarqueologia: resenha, metodologia e aplicações

Gerardo Vidal Gonçalves

CIDEHUS – Universidade de Évora (gerardo.vidal.goncalves@gmail.com)

O texto que aqui se apresenta assume-se como uma brevíssima introdução ao tema da dendrocronologia. Trata-se de uma área pouco explorada em Portugal mas que, no contexto internacional, assume uma relevância bastante significativa. Com o intuito de garantir uma compreensão mais ou menos sólida do tema optou-se por definir quatro pontos essenciais: **(1)** conceito, dinâmicas e brevíssima resenha histórica; **(2)** fundamentos e princípios; **(3)** aplicabilidade e possibilidades em território português; **(4)** dendrocronologia e dendroarqueologia.

The text presented here is assumed as a brief introduction to the subject of dendrochronology. This is a little explored area in Portugal but in the international context, assumes a significant. In order to ensure a more or less solid matter was decided to define four key points: (1) concept, dynamic and very brief historical review, (2) fundamentals and principles, (3) applicability and possibilities in Portuguese territory; (4) and dendrochronology dendroarchaeology.

Diversidade e Condicionamento Geográfico na Tecnologia Naval

Adolfo Silveira Martins

Museu Nacional de Arqueologia e Centro de Investigação e Desenvolvimento do Mar da UAL

António Teixeira

Centro de Investigação e Desenvolvimento do Mar da UAL

A solução que foi encontrada pelas sociedades para a construção das suas embarcações e navios são coincidentes no tempo ou nas necessidades.

As plataformas flutuantes, tal como foi definido em 1978 por Muckelroy, são máquinas ou conjuntos funcionais concebidos para servirem de transporte a um sistema económico e militar. Adquirem características para concretizar objectivos e evoluem para superar impedimentos. Na tecnologia da construção naval em madeira, surgem contudo local e regionalmente assinaturas que se diferenciam, não nos princípios estruturais, mas que traduzem a adaptação a contextos próprios de actuação.

Factores condicionantes da implantação de castelos em Portugal

Teresa Azevedo e Elisabete Nunes

Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa

Os inumeráveis guias e obras de divulgação de lugares turísticos, ou mesmo prospectos turísticos locais, não mencionam nunca de que maneira os núcleos populacionais e mais tarde os lugares de defesa, que deram origem às actuais cidades e povoados, foram condicionados pela Geologia e Geomorfologia. Nesta apresentação, propõe-se uma divisão em quatro classes dos vários tipos de relevo portadores de estruturas castelejas e assinala-se o conjunto de factores naturais que conduziram certo núcleo populacional e, mais tarde, os edificadores de castelos, a seleccionar e ocupar o local onde se encontram implantados.

Considerações Acerca da Plaeogeografia do Cabo Espichel

Ana Catarina Dias Ferreira

Centro Português de Geo-História e Pré-História e Mestranda do Instituto Politécnico de Tomar e Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (Erasmus Mundus "Quaternário e Pré-História"); investigadora associada do "Instituto Terra e Memória" Grupo Quaternário e Pré-Histórica do Centro de Geociências

Desde o Paleogénico (há cerca de 65 Ma), a actual Península de Setúbal começou a formar-se devido a uma série de acontecimentos geológicos e geomorfológicos, sobretudo de origem tectónica, seguido de transgressões e regressões marinhas, que consolidaram a formação do Rio Tejo e da Península de Setúbal. A sedimentação da bacia terá tido o seu início entre o Eocénico (55,8 Ma) e o Oligocénico (33 Ma). Uma subsidência durante o Miocénico permitiu que o mar entrasse na bacia, até a esta altura endorreica. Entre o Miocénico e o Plioceno formou-se o chamado Pré-Tejo, com o acentuar do regime fluvial (Azevedo, 1982). É também durante o Plioceno que o Tejo adquire a posição actual, devido a fenómenos de subsidência da bacia. O quaternário é marcado por uma série de regressões e transgressões que formaram os depósitos actuais de praias elevadas, dunas, aluviões, arenitos e depósitos de vertentes.

Os depósitos de formação mais recente, quaternária apresentam ocupação humana, especialmente no Paleolítico Inferior, em praias elevadas quaternárias no Cabo Espichel.

Importância da palinologia da Lagoa do Saloio na reconstrução paleoecológica da mata do Valado de Frades

Sandra Gomes

sandra.gomes@ineti.pt

As zonas húmidas como lagoas, turfeiras, pântanos, sapais e outros ecossistemas palustres caracterizam-se pelo seu dinamismo e complexidade do ponto de vista geomorfológico sendo por isso também altamente susceptíveis face a eventuais impactos naturais e/ou antrópicos. A área em estudada, em 2007, a lagoa do Saloio, localizada no concelho da Nazaré, encerra uma história de mudanças ecológicas que se foram sucedendo no decorrer do Holocénico.

Esta "história" evolutiva encontra-se preservada nos sedimentos da lagoa, constituindo a sua análise e posterior interpretação elementos irrefutáveis das alterações ambientais naturais ocorridas quer a nível local quer a nível regional. Mais recentemente, mudanças antrópicas terão causado o seu impacto na área em estudo, sobrepondo-se aos processos naturais. O recurso a diferentes disciplinas viabiliza a possibilidade de vislumbrarmos concertadamente o passado, reconstituindo os acontecimentos patentes nas principais mudanças ecológicas da paisagem. Todavia a palinologia de lagoas e turfeiras, devido à fiabilidade dos seus registos, constitui um dos mais importantes métodos na reconstrução da flora, vegetação e ambientes pretéritos (Faegri e Iversen, 1989).

O Homem, como os demais agentes constituintes da biosfera, é um agente modelador/construtor da paisagem. A sua intervenção reflecte-se de um modo mais ou menos gradativo no território, por vezes irreversivelmente. Assim sendo, o território, pode considerar-se como um artefacto, sendo talhado a cada gesto humano, com repercussões ao nível social (com a repetição do gesto) e ao nível do ecossistema, ao alterá-lo do ponto de vista funcional e espacial no decurso da história e evolução humanas (Mateus *et al.*, 2003).

O concelho da Nazaré apresenta registos de ocupação desde há muito, existindo evidências de ocupação Paleolítica no concelho. No decorrer desta apresentação, procederemos a uma descrição das dinâmicas de ocupação humana na região e seu impacto no ecossistema adjacente, no decorrer do Holocénico recente, assente nos estudos polínicos efectuados. Mais concretamente, desde a colonização dos romanos, cujo impacte na vegetação se revelou intenso, abrangente e diversificado (provavelmente devido à instalação de verdadeiros núcleos urbanos), passando pela Idade Medieval com a atribuição de forais, (o que levou à exploração mais intensificada da região do ponto de vista da silvicultura e da agricultura), cujas evidências estão patentes nas curvas polínicas, até à actualidade.

A CRISTIANIZAÇÃO DE MONUMENTOS MEGALÍTICOS: O CASO ESPECÍFICO DAS ANTAS-CAPELAS

Mário Nuno do Bento Antas

Centro Português de Geo-História e Pré-História, Museu Nacional de Arqueologia

A cristianização de megálitos é um processo complexo de adaptação de monumentos megalíticos de acordo com as necessidades espirituais de um determinado grupo humano cristão. As antas foram adaptadas para funções de capelas, porque significavam algo para as populações autóctones. As funções originais da anta não foram abandonadas, mas sim reforçadas, visto que a anta é o espaço onde se depositavam os mortos e se realizavam cerimoniais e rituais fúnebres; volta pois a reassumir as funções de local de culto se bem com enquadramento sócio-religioso completamente diferente. Quando a anta é transformada em capela, apenas se está a recuperar o significado sagrado original do local. A anta-capela não é só mais uma forma de cristianizar megálitos, mas sim a forma mais complexa de cristianização. Dentro desta categoria podemos ser incluídos os casos de Santa Maria Madalena de Alcobertas, São Dinis em Pavia, Nossa Senhora do Livramento em S. Brissos e Nossa Senhora do Monte em Penela da Beira.

Existem outros casos de cristianização de antas em que a adaptação do espaço é menos complexa, não recuperando totalmente a sacralidade do mesmo, visto que o espaço interno da anta não é reutilizado. Este facto acontece em S. Bento do Mato na Azaruja, na Capela de Santo Amaro em Quiaios e S. Fausto no Torrão.

Palavras-chave: Cristianização de monumentos megalíticos, antas-capelas

Novo registo de *Pinguinus impennis* no Plistocénico de Portugal, Gruta da Furninha – Peniche

Silvério Figueiredo

Instituto Politécnico de Tomar; Centro Português de Geo-História e Pré-História

A Gruta da Furninha é uma cavidade cársica situada a 15 metros de altitude e a cerca de 850 metros a SW do Cabo Carvoeiro, na costa sul da península de Peniche. Foi totalmente escavada no último quartel do século XIX por Joaquim F. Nery Delgado e os resultados foram apresentados no IX Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-Históricas realizado em Lisboa, em 1880 e publicados, quatro anos depois, nas actas. Nesta publicação, a estratigrafia da gruta aparece descrita e é a única fonte do que terá sido o seu preenchimento sedimentar. Nery Delgado descreve a estratigrafia como sendo constituída por duas unidades principais: um depósito superior contendo grande quantidade de restos humanos e um

depósito inferior constituído por areias quaternárias contendo diversos níveis ossíferos bem diferenciados que embalava fauna extinta no continente europeu (Delgado, 1884).

Esta jazida proporcionou abundante e variada fauna pliocénica, na qual está incluída a ocorrência de restos de aves. Delgado descreve três dezenas de táxones de mamíferos, sendo igualmente referida de forma genérica a presença de aves, quelónios, peixes e algumas espécies de moluscos (Quadro 3 em Delgado, 1884). Algumas décadas depois, o conjunto do espólio paleontológico seria mais exaustivamente estudado por Edouard Harlé com recurso a contactos e colecções museológicas sediadas em Bordéus, Toulouse e Paris, contando no caso das aves com a colaboração de E. T. Newton (Harlé, 1911). Mais recentemente os grandes mamíferos desta gruta foram estudados por João Luís Cardoso (CARDOSO, 1993), proporcionando novas análises e observações. No caso específicos das aves, a bibliografia apenas revela reproduções nominativas (tampouco taxonomicamente actualizadas à data das respectivas publicações) daquela listagem de inícios do século passado (Zbyszewski, 1958; Veiga Ferreira, 1964; Roche, 1972) sendo de supor que, entretanto, aquele material não tenha voltado a ser observado.

Em data recente, no decurso da revisão dos restos de aves provenientes de escavações arqueológicas realizadas no passado em jazidas pliocénicas portuguesas¹, incluindo a avifauna da Gruta da Furninha, foi identificado no Laboratório de Arqueozologia do IGESPAR, I.P., dentro do conjunto da avifauna desta gruta, um fragmento proximal de úmero esquerdo de pinguim do hemisfério norte, ou Torda-grande (*Pinguinus impennis*, LINNEU 1758). Trata-se de uma ave pertencente à Família Alcidae, Ordem dos Charadriiformes, extinta em meados do século XIX, presumivelmente em 1844 (Bengtson, 1984).

Cerro de las Baterias- uma inumação colectiva Calcolítica da Baixa Extremadura (Espanha)

Tiago Tomé

Luiz Oosterbeek

Instituto Politécnico de Tomar

José Marquez

José Murillo

No âmbito dos trabalhos de acompanhamento e minimização de impacto arqueológico associados à construção de uma variante à estrada N-432 Badajoz-Granada (PK20-25 Tramo La Albuera), foi identificado e escavado um conjunto de estruturas, constituído sobretudo por vários silos, contendo materiais de cronologias diversas. De forma inesperada, viria a ser identificada já na fase final dos trabalhos um enterramento de natureza colectiva, numa câmara escavada no substrato calcário miocénico, cujo espólio artefactual levou a uma atribuição crono-cultural calcolítica, inserida no III^o milénio a.C. Apesar de muito danificado, o espólio osteológico humano recuperado configura uma colecção de grandes dimensões, sendo assim possível a recolha de um importante volume de dados paleobiológicos. Apresentamos aqui os dados preliminares do estudo deste importante espólio osteológico humano, em termos demográficos, morfológicos e patológicos

¹ Trabalho realizado no âmbito da tese de doutoramento do autor.

Análise de Uma “ordem” Espacial dos Contextos Funerários na Pré-história Recente – Sever do Vouga

**Miguel Marques
(Mythica)**

O “espaço” foi concebido de forma tão diversificada ao longo do tempo, pelo que o desafio que se apresenta é o de encontrar modos operacionais de compreender as formas possíveis de concepção, de percepção e de pensar o “espaço pré-histórico” pelos grupos humanos pré-históricos, em culturas onde abunda a diversidade de representações detectáveis.

Deste modo, ao longo da presente comunicação/artigo propomo-nos a, determinar o quadro das situações possíveis no que toca às relações entre tipos de sociedades, formas de apropriação material do espaço, e modos de organização simbólica do mesmo (incluindo os espaços funerários/rituais), evitando anacronismos através da projecção para sociedades pré-históricas de sistemas supostamente análogos “inferidos” de sociedades actuais, provenientes de estudos antropológicos.

Assim, a investigação em curso sobre o Fenómeno Tumular do Concelho de Sever do Vouga enquadrável entre os V e II milénios a.C., assenta sobre um conjunto de premissas e critérios fundamentais que servem de suporte, logo uma adequada plataforma de desenvolvimento de todos os procedimentos de um estudo aprofundado nas suas mais polimórficas vertentes.

O sítio Arqueológico do Alto da Fonte Nova: Contribuição para o estudo de uma economia costeira do Cabo Espichel

José Carvalho
Centro Português de Geo-História e Pré-História

O sítio arqueológico do Alto da Fonte Nova foi descoberto em 1998 como resultado dum trabalho de prospecção, sob a responsabilidade do Centro Português de Geo-história e Pré-história, integrado no projecto “Investigação Arqueológica do Cabo Espichel” que teve lugar entre 1998 e 2002.

Trata-se de uma ocupação humana na proximidade das arribas fósseis do Cretácico entre duas ribeiras, Fonte Nova (a sul) e Chapim (a norte), em terrenos arenosos, cujas datações absolutas efectuadas apontam para uma idade holocénica.

As intervenções de diagnóstico possibilitaram detectar um nível arqueológico associado a estruturas de combustão em fossa. Os materiais arqueológicos são constituídos por artefactos líticos na esmagadora maioria sobre a matéria-prima local - o quartzo. As cadeias operatórias no quartzo demonstraram um talhe local baseado principalmente para a produção de lascas. Dos materiais de sílex predominam os produtos alongados essencialmente lamelas, cujas técnicas de talhe sugerem uma economia já possuidora de elementos neolíticos, ou seja, o talhe por pressão.

Do ponto de vista funcional, a baixa percentagem de matérias-primas alógenas, e o carácter expedito da indústria lítica, podem querer demonstrar, um sistema económico sazonal e de curta duração.

Por fim, as características de implementação de *habitat* e as evidências arqueológicas detectadas, apesar de não terem sido identificados até ao momento invertebrados marinhos, levantam a hipótese de estarmos perante uma economia costeira, onde os recursos aquáticos existentes nas proximidades podem ter tido um papel preponderante para a frequência deste tipo de sociedades na zona do Cabo Espichel.

Palavras-chave: Alto da Fonte Nova, material lítico, quartzo, quartzito, sílex, restos de talhe, lascas, pós-glaciar.

Arte Rupestre Filiforme Pós-paleolítica de Portugal em Contexto Europeu: Semelhanças e diferenças

Fernando Coimbra

Na história da investigação da arte rupestre os exemplos filiformes pós-paleolíticos têm sido frequentemente negligenciados em publicações de carácter geral. Todavia, este tipo de arte encerra uma tipologia de motivos que aparece de modo muito semelhante em países como Portugal, Espanha, Andorra, França e Itália, entre outros do Norte da Bacia Mediterrânica.

Nesta comunicação o autor faz uma abordagem sintética à arte rupestre filiforme pós-paleolítica em Portugal, dividida em quatro grandes regiões, apresentando algumas semelhanças e diferenças relativamente a outros países europeus. É apresentada ainda uma tipologia de motivos “europeus” idênticos, que inclui resultados de recentes descobertas, quer em Portugal, quer em Espanha.

Arte Ruprestre e o Meio Físico: um estudo de caso na Bahia, Brasil

Cláudia Cunha

As ecorregiões do Complexo da Chapada Diamantina e a Depressão Sertaneja Meridional inseridas no Bioma da Caatinga apresentam uma notável variedade estilística em termos de pinturas rupestres, bem como diferenças evidentes entre uma e outra região no que concerne à sua produção. Esta comunicação apresenta o resultado de observações comparativas em primeira mão de 122 sítios em ambas as ecorregiões realizadas entre 1999 e 2006 e ilustra como a arte rupestre pode ser um indicativo de ocupação preferencial do território por grupos autoctones e como o meio físico parece ser um factor limitador desta ocupação.

Arte Castreja e território

Daniela Cardoso

Fundação Morais Sarmento

O presente trabalho enquadra-se no trabalho de investigação, sobre a arte rupestre da região do Vale do Ave, englobada no contexto da cultura castreja, que se encontra a decorrer no âmbito do Doutoramento em Quaternário, Materiais e Culturas, realizado pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro,

Esta comunicação visa contextualizar a arte rupestre desta região e levantar algumas questões no que diz respeito à sua localização e pretende ainda contribuir para futuras investigações nesta área em estudo.

The Spatial Visibility of Roman /Uillae /in Lusitania: an analysis and qualification of published sites in Spain and Portugal

Maia M. Langley

Over the last 10 years, more publications have come to light regarding the location and geographical environment of archaeological sites. This trend has been noticed particularly in the countries of Italy and Portugal in regards to the distribution of Roman period sites. Within the peninsula of Iberia, there has been less work done that provides for a holistic reading of Roman sites “*carta arqueologia*” than spreads over the modern boundaries of the countries borders and those divisions created by the *juntas*, *concelhos* and *autónomas* of both Spain and Portugal. Although these divisions are important to the day-to-day bureaucratic administration of the countries, it also creates limitations for researchers, and archaeologists confined by the invisible boundaries of the organization in which they are employed, and imposes limitations in creating a global vision of the period or the continuous reading of the historical process.

ARQUEOLOGIA SEM NATUREZA

Gonçalo velho

Instituto Politécnico de Tomar

A natureza é geralmente considerada como origem (“*arche*”), perfeição “*eidos*”. Em arqueologia a utilização do termo oferece-se como corrente, pouco ou nada existente em termos de reflexão sobre a sua aplicação. O objectivo deste trabalho é chamar a atenção para as suas implicações. Se a natureza (e a paisagem) surge como o outro, então convém que saibamos aprender as implicações da lição lacaniano de que “o Outro não existe”. A compreensão desta questão ajuda-nos também a reflectir sobre a empregabilidade da ideia de “homem natural” (regra geral o “primitivo”).

Visão a 180º

Carlos Didelet & Maria Watkins

- Do uso da fotografia panorâmica como instrumento arqueológico.
- A fotografia panorâmica como elemento de prospecção e análise.
- As modificações operadas na paisagem e a atracção exercida por esta.

A paisagem no sentido lato e enquanto elemento natural exerceu desde sempre um fascínio extremo na mente humana, seja por uma atracção pelo que é grandioso, seja porque alguns desses relevos geográficos assumem proporções quase divinas.

Interpretar essas mesmas paisagens que tiveram tanto significado em épocas passadas, nem sempre é tarefa fácil.

Contudo, aplicando ideias conceptuais e mediante o recurso à fotografia panorâmica em grande formato, apoiada por programas de imagem específicos, poder-se-á obter uma abordagem mais fidedigna dessa grande extensão natural que se desenvolve à nossa volta.